

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PRODUÇÃO CULTURAL**

MARIANA RODRIGUES LOZORIO

**OS ENCONTROS DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA:
para a atuação do produtor cultural dentro da instituição escolar**

NITERÓI
2014

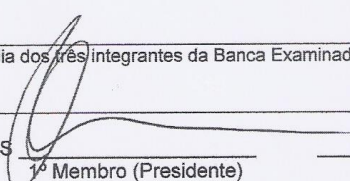
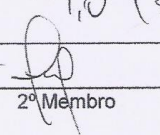
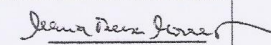


SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DA GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL - GGR

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO	
Nome do Candidato: MARIANA RODRIGUES LOZORIO	Matrícula: 20933057
Título do Trabalho: OS ENCONTROS DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA; PARA A ATUAÇÃO DO PRODUTOR CULTURAL DENTRO DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR	
Orientador: Drª Neide Aparecida Marinho	
Categoria: Monográfica	Data da Apresentação: 29.07.2014

BANCA EXAMINADORA
1º Membro (Presidente) Drª Neide Aparecida Marinho
2º Membro: Dr. João Luiz Pereira Domingues
3º Membro: Me. Maria Teresa Mattos de Moraes

AValiação: Análise / Comentário
<p>A BANCA DESTACOU A PERTINÊNCIA DA TEMÁTICA, BEM COMO A FLUÊNCIA DA ESCRITA. ADEMAIS, DESTACOU-SE A BOA DIVISÃO DOS CAPÍTULOS E A BUSCA DA GRADUANDA EM TEMATIZAR AS RELAÇÕES ENTRE CULTURA E EDUCAÇÃO.</p>
Nota Final (média dos três integrantes da Banca Examinadora): 9,0 (NOVE)
ASSINATURAS
 1º Membro (Presidente)
 2º Membro
 3º Membro

MARIANA RODRIGUES LOZORIO

**OS ENCONTROS DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA:
para a atuação do produtor cultural dentro da instituição escolar**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel.

Orientador: Prof^ª. Dra. Neide Aparecida Marinho

NITERÓI
2014

MARIANA RODRIGUES LOZORIO

OS ENCONTROS DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA:
para a atuação do produtor cultural dentro da instituição escolar

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Neide Aparecida Marinho
Universidade Federal Fluminense

Prof^a. Me. Maria Teresa Mattos de Moraes
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. João Luiz Pereira Domingues
Universidade Federal Fluminense

NITERÓI
2014

À minha mãe, Vania Rodrigues.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus.

À minha mãe, por toda a dedicação e amor, à sua maneira. Sem você seria impossível.

À minha vovy, pelas comidinhas na boca, histórias da “dona baratinha” e cafézinho com água, que me fez, nas coisas mais simples, a criança mais feliz do mundo. Aos meus irmãos Juliana e Bruno; e aos Rodrigues, minha família que tanto amo.

Por toda a força, por estar sempre ao meu lado, por cada empurrãozinho e por todas as críticas (e quantas!) a este trabalho; por cada sorriso, por ser um grande amigo, Leandro Abreo.

Aos meus amigos mais que especiais: Vanessa Sena, Hugo Andrade, Hugo Valverde e Lucas de Oliveira.

Agradeço ao curso de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense (UFF), por ter me proporcionado experiências maravilhosas e encontrar no meio do caminho “asamigatudo”, em especial Angélica Rosa.

Meu muito obrigada à professora Neide Marinho, por ter aceitado ser minha orientadora, e aos queridos professores João Domingues e Tete Mattos, por fazerem parte dessa banca. Todos tem um significado grande na minha caminhada pela UFF.

À Baluarte Agência de Projetos Culturais por ter me escolhido para fazer parte da equipe, com isso, tive e terei a oportunidade de participar de projetos incríveis e conhecer pessoas maravilhosas.

Digo o que penso com esperança.

Penso no que faço com fé.

Faço o que devo fazer com amor.

Cora Coralina

RESUMO

Ao longo dos anos cresce o número de autores que vem discutindo a intrínseca relação existente entre a cultura e a educação. Para além do debate puramente dito, cresce também o número de iniciativas, sejam elas públicas ou privadas, que vem trabalhando para unir essas duas áreas. No presente trabalho temos como objetivo propor a atuação do produtor cultural dentro das instituições escolares, tomando como base que a escola tem se tornado espaço público de encontro, diálogo e construção de cidadãos produtores de cultura. Refletimos também sobre o papel central da educação e da cultura na construção de sujeitos cidadãos, capazes de atuar no mundo em que vivem. O estudo bibliográfico e a participação em um projeto cultural desenvolvido nas instituições da rede pública de ensino corroboraram para a discussão da inserção do produtor cultural no espaço escolar.

Palavras-chave: Educação. Cultura. Espaço escolar. Produtor Cultural.

ABSTRACT

It grows through the years the amount of authors that discuss the intrinsic relationship between culture and education. Beyond the discussion, it is also growing the amount of public and private initiatives that work to unite both areas. In this study we have the objective to propose a situation where the cultural producer is inside the educational institutions, since we know that schools have become a public space for meetings, dialogue and making culture producers citizen. We also reflect of the central role of education and culture in the construction of citizen capable of acting in the world they live. The bibliographic study and the participation in a cultural project developed in the public institutions of education corroborate to the discussion of the insertion of the cultural producer in the educational institutions.

Keywords: Education. Culture. School space. Cultural producer.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 CULTURA E EDUCAÇÃO	11
1.1 Cultura, educação e cidadania	11
1.2 A escola: um lugar de experiências culturais.....	12
1.2.1 Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania – Cultura Viva: a ação Escola Viva.....	15
1.2.2 Mais Cultura nas Escolas	17
2 O PRODUTOR CULTURAL NAS ESCOLAS	20
2.1 O profissional.....	20
2.2 O produtor cultural nas escolas: o olhar de um <i>educador</i>	22
2.3 A aproximação com a comunidade.....	23
2.4 Mediador Cultural.....	24
2.5 Articular, fomentar e dinamizar	26
3 BRASIL DE TUHU: ESTUDO DE CASO	28
3.1 O Projeto	28
3.2 Uma trajetória de seis anos	31
3.3 Brasil de Tuhu – 5ª edição	32
3.4 O projeto, a escola e o produtor cultural.....	34
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICE - ENTREVISTA	43

INTRODUÇÃO

O interesse em abordar o tema “Cultura e Educação” iniciou ainda no primeiro período do Bacharelado em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, quando os professores, na tentativa de conhecer melhor seus novos alunos, perguntavam “Por que escolheu fazer Produção Cultural?”. O que mais chamou a atenção foi o fato de que a grande maioria desses alunos associou a escolha aos trabalhos culturais desenvolvidos no e pelo colégio em que haviam estudado. Seja como participantes de feiras culturais, da rádio e do jornal da escola, ou pelo trabalho desenvolvido pelo colégio em levá-los frequentemente à peças teatrais, à exposições, ao museu, ou em qualquer outra atividade cultural.

Por isso, o presente trabalho tem como objetivo propor e discutir a atuação do Produtor Cultural dentro das instituições escolares, tendo como base o importante papel que a escola vem adquirindo, ao longo dos anos, como espaço de construção de cidadão produtor de cultura (MOREIRA; DELOUPY, 2013).

Este estudo baseou-se em livros e artigos acadêmicos que tratam da intrínseca relação existente entre cultura e educação e refletem suas experiências e olhares sobre as múltiplas formas pelas quais essa relação pode se estabelecer, como nos mostra Freire (1987, 1996, 2006) em seus mais diversos livros, Dayrell (1996), Kramer e Leite (1998) e Coelho (2011). Para demonstrar o processo de aproximação entre a cultura e a educação apresentaremos programas governamentais que buscam unir essas duas áreas do saber.

No primeiro capítulo deste trabalho falaremos sobre a estreita relação entre a educação e a cultura e o importante papel dessas duas esferas para a construção de um sujeito cidadão. A partir daí, discutiremos como o espaço escolar vem se estabelecendo como um lugar central para o diálogo entre essas duas áreas. Assim, apresentaremos duas importantes ações interministeriais que visam o diálogo entre a cultura e a educação, a ação Escola Viva e o programa Mais Cultura nas Escolas.

No segundo capítulo, falaremos sobre o reconhecimento do profissional que é o produtor cultural e os saberes e competências cabíveis a ele. Então, defenderemos o importante papel que o produtor pode assumir atuando nas instituições escolares.

No terceiro capítulo, tomamos como estudo de caso o programa Brasil de Tuhu – Educação Musical, realizado em instituições da rede pública de ensino. O programa é desenvolvido pela Baluarte Agência de Projetos Culturais em parceria com o Quarteto Radamés Gnattali. A partir desse estudo de caso, abordaremos a relação entre as escolas e os

projetos que chegam à elas e a nossa percepção a respeito da figura do produtor cultural ali agindo.

Cabe ressaltar que no presente trabalho, vislumbramos a educação e não o treinamento (COELHO, 2011) e lidamos com a cultura entendida no seu mais amplo significado, como “complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem na condição de membro da sociedade” (TYLOR, 1903 apud LARAIA, 2001, p. 14).

1 CULTURA E EDUCAÇÃO

Cultura e educação percorrem ao longo dos anos caminhos de encontros e desencontros. São muitos os autores que tratam da intrínseca relação entre essas áreas (COELHO 2011; DAYRELL 1996; KRAMER 1998) e a importância em aproximá-las. Paulo Freire, grande educador, filósofo e pedagogo, em seus diversos escritos já apontava ser impossível construir uma educação séria e de qualidade se esta estivesse longe da cultura. Para ele:

É o meu com senso, em primeiro lugar, o que me deixa suspeito, no mínimo, de que não é possível à escola, se, na verdade, engajada na formação de educandos e educadores, alhear-se das condições sociais, culturais, econômicas de seus alunos, de suas famílias de seus vizinhos (FREIRE, 2002, p. 37).

Já que para a construção de sujeitos entendedores de sua presença no mundo, é necessário fazê-los entender que tal construção não se faz isolada, é algo que perpassa as influências históricas, sociais e também culturais. Por isso, deve-se levar em consideração as experiências vividas pelos alunos para além do ambiente escolar.

1.1 Cultura, educação e cidadania

A educação deve estar atrelada à cultura, assim como a cultura deve estar atrelada à educação, ainda mais tomando como base o importante papel que ainda é relacionada à educação na constituição e formação de um indivíduo cidadão. É através dela que se propaga o conjunto de finalidades sociais, deveres, direitos e valores que configuram uma sociedade, podendo o indivíduo exercê-los e cobrá-los. É através da educação que se forma sujeitos conscientes, capazes de refletir e agir criticamente sobre o mundo que os cerca, sobre a realidade em que vivem.

A formação de um indivíduo cidadão consciente através da educação só é possível se esta estiver baseada no diálogo com a realidade vivenciada por cada aluno, pois é através dele que o homem dinamiza o seu mundo, domina e transforma e realidade, acrescenta algo que ele mesmo é fazedor, temporaliza os espaços geográficos: faz cultura (FREIRE, 2006), o diálogo forma cidadãos conscientes que se apropriam de sua cultura.

Desse modo uma escola que se compromete com a formação de um indivíduo cidadão precisa ter como um de seus elementos básicos a formação cultural (KRAMER, 1998), pois é com ela que resgatamos trajetórias e experiências, podemos discutir valores e crenças. É também através dela que os alunos se tornam sujeitos críticos.

Sendo assim, a escola deve trabalhar com a aproximação dos saberes e experiências dos alunos e com as diversas manifestações culturais, como a música, o teatro, o cordel, a dança etc. Essa possibilidade de experimentação com a produção cultural de cada aluno contribui para sua formação, pois trabalha com a sua trajetória e o seu cotidiano, provoca a discussão de valores e reflexão sobre a cultura pela qual ele é produzido e a qual ele produz (KRAMER, 1998). Não podemos mais entender uma escola que praticamente exige que seus alunos deixem do lado de fora suas experiências e suas culturas.

O Plano Nacional de Cultura (PNC), que tem por finalidade planejar e implementar políticas públicas voltadas a proteção e promoção da diversidade cultural brasileira, em seu caderno de diretrizes gerais ressalta que:

A estreita relação entre educação e cultura nos processos de formação da cidadania ressalta o caráter indispensável das ações de integração das manifestações intelectuais e artísticas nas práticas pedagógicas de ensino formal e informal (BRASIL, 2007, p. 51).

Assim, para a formação de cidadãos participativos é necessário que a escola possibilite estreitar os caminhos da educação e da cultura, proporcionando o acesso aos meios, para que os diferentes grupos sociais possam refletir e fazer circular sentido, valores e costumes (SETUBAL, 2008). Mas para tanto também é preciso que o currículo educacional faça sentido na vida desses alunos. A prática educacional deve se apropriar e se valer dos conhecimentos e experiências que os indivíduos carregam consigo para dentro do muro escolar, com isso Freire (2002, p. 17) argumenta “por que não estabelecer uma ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduo?”. Os estudantes devem aprender através dos saberes científicos básicos, mas também a eles deve ser dada a possibilidade de aprender com o cinema, o teatro, a história, a arte (KRAMER, 1998). É fundamental para eles,

desenvolver a curiosidade, o questionamento, a observação, hipóteses, descobrir, experimentar, identificar e distinguir, relacionar, classificar, sistematizar, criar, jogar, debater, comparar e concluir, entre outras experiências formadoras (BRASIL, 2008, p. 17).

Nossos estudantes precisam apreender que mais do que indivíduos *no* mundo, são eles indivíduos *com* o mundo, pois assim tornam-se sujeitos e não objetos (FREIRE, 2006).

1.2 A escola: um lugar de experiências culturais

Falar da escola na atualidade é, automaticamente, remeter nossos pensamentos a crise na qual essa instituição enfrenta. Muitos estudos debatem e tentam achar explicações e soluções para tal fato. Em pesquisa realizada em 2009, pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), os dados apontam que um dos maiores índices para a evasão escolar é a falta de interesse por parte dos alunos (40,30%), e a pesquisa afirma que “o adolescente está acima de tudo fora da escola porque ele não quer a escola que aí está” (NERI, 2009, p.8).

As escolas estão fechadas em si mesmas; o diálogo com seus alunos e a comunidade não existe; a alta cobrança por resultados (o que acarreta um grande número de avaliações, pressão para se conseguir um bom posicionamento no vestibular ou em concursos etc); o empenho na transferência de conteúdos; um ensino que não forma e sim domestica (FREIRE, 2002), podem ser apontados como um dos fatores que levaram à crise no sistema educacional.

Na instituição escolar o aluno vem sendo ignorado como sujeito criador e detentor de algum saber, ele vem se tornando apenas um objeto que precisa ser moldado às exigências do mundo atual, formatado aos requisitos do mercado de trabalho (CARVALHO, 2011). Cada vez mais os estudantes vêm se tornando muito mais um intelectual memorizador, que decora os textos, não sendo capaz de perceber a relação entre o que lê e a realidade na qual está inserido (FREIRE, 2002).

Com isso, esses alunos não se envolvem, não se sentem atraídos, não se enxergam como parte da escola, eles não se reconhecem nessa instituição, por esta se encontrar afastada deles e, também, afastada da comunidade na qual se insere, e esta diz muito sobre os saberes e experiências que os estudantes carregam para dentro do espaço escolar. Para além das particularidades individuais de cada aluno, as escolas têm deixado de lado as relativas diferenças do contexto sociocultural na qual esta se encontra. É muito importante que as escolas respeitem os saberes com que os alunos chegam à ela, saberes esses socialmente construídos na prática comunitária (FREIRE, 2002).

Porém, mesmo diante deste cenário, se levarmos em conta o dinamismo das relações e o fazer cotidiano que ali se estabelecem, percebemos que a escola torna-se espaço central para o encontro e, conseqüentemente, para o diálogo entre alunos, professores, instituições e

equipamentos culturais e comunidade local. É imprescindível entendermos “a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas nos pátios dos recreios, em que variados gestos [...] se cruzam cheios de significação” (FREIRE, 2002, p. 25). As escolas

[...] são fontes importantes de cultura(s) por tudo que se vive nesses espaços, por conta das experiências, das trocas, das conversas, das diversas manifestações culturais que encontramos nessas instituições. Mas podemos também, [...] perceber que a comunidade em que vivem as crianças, o(s) professor(a) e as famílias, as experiências de cada um são, da mesma forma, importantes veículos culturais que não devem ser deixados de lado (LOPES; MENDES; FARIA, 2005, p. 21).

É de extrema importância a socialização dentro da escola, as experiências informais que nela se vivem (FREIRE, 2002). Essa instituição torna-se um espaço de diálogo entre os diversos saberes e experiências, em que eles podem se encontrar e se reestruturar. Tornando-se assim um centro de experiências culturais, portanto é preciso que esse espaço seja potencializado.

Que a escola se torne centro de interseção, de troca de saberes e experiências socioculturais e de diálogo entre os diversos agentes da nossa cultura. Que seu espaço seja central para alunos, professores, funcionários, artistas, instituições culturais (museus, cinemas, teatro etc), produtoras e a comunidade na qual está inserida. Seguindo este pensamento, Setubal (2009) ressalta que

a abertura da escola à cultura de seu território, a escolha de uma grade curricular que valorize a pluralidade e a diversidade cultural local e o intercâmbio da escola com produções e produtores de cultura na sociedade são alguns caminhos para unir educação e cultura.

Porém, os desafios encontrados por uma política cultural atrelada à política educacional são muitos e segundo as diretrizes gerais do Plano Nacional de Cultura,

[...] incluem a capacitação de docentes, a disponibilização de bens culturais a professores e alunos, a troca de informações e competências entre os dois campos, o reconhecimento dos saberes tradicionais, o compartilhamento de projetos e recursos, o aprimoramento do ensino das artes nas escolas e a transformação destas instituições em centros de convivência e experiência cultural (BRASIL, 2007, p.51).

A escola precisa deixar de se fechar em si mesma e abrir suas portas, que a partir dela possa ser construída uma rede, com todo o seu caráter dinamizador, de troca, construção e desconstrução (RUBIM, 2014). Que a escola possa ser central para o encontro e o diálogo,

estando sempre em conectividade com o seu exterior. E que através deste espaço o olhar as experiências dos alunos possam ir além das possibilidades apresentadas dentro dos muros escolares.

A importância da relação entre educação e cultura e a percepção da escola como um lugar central para que essa relação possa se fazer valer, vem sendo explorada pelas políticas públicas educacionais e culturais. A seguir, abordaremos a ação Escola Viva e o Programa Mais Cultura nas Escolas, que possuem grande importância também por se tratarem de programas em que se fazem relacionar o universo da cultura e o da educação.

1.2.1 Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania - Cultura Viva: a ação Escola Viva

Escola Viva é uma das ações desenvolvidas dentro do Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania – Cultura Viva. O programa foi implementado em 2005 pela gestão de Gilberto Gil. Segundo o Ministério da Cultura (BRASIL, 2005, p. 11) a direção para a construção do programa era “criar ampla linha de ação a partir do que já existe e já atua, com legitimidade comunitária”, era fomentar as ações e atividades já desenvolvidas pela sociedade e fortalecê-las.

Cultura Viva é um programa do Ministério da Cultura, mas que possui ações transversais com os outros ministérios. Além da Escola Viva, o programa é composto por outras quatro ações: a) Ponto de Cultura, são núcleos que promovem ações que ampliam os meios de produção e difusão da cultura; b) Griôs – mestres, promove valorização dos conhecimentos de mestres da cultura popular; c) Cultura Digital, favorece o uso de software livre para a produção de audiovisual; d) Agente Cultura Viva, que promove qualificação profissional de jovens na área de cultura e possui parceria com o programa Primeiro Emprego, do Ministério do Trabalho. Sendo o Ponto de Cultura a ação prioritária do programa, é o responsável pela articulação das demais ações.

O Cultura Viva estimula a criatividade, em lugar de determinar ações e condutas, ele cria um ambiente propício ao resgate da cidadania já que reconhece a importância da cultura produzida pelos sujeitos em cada localidade (BRASIL, 2005).

Com o objetivo de resgatar a interação entre cultura e educação, no programa, a Escola Viva é uma ação na qual foi criada uma parceria entre o Ministério da Cultura e o Ministério da Educação. A Escola Viva “integra o Ponto de Cultura à escola, apontando para um outro

modelo de envolvimento social com a educação, que vai além dos muros escolares e ganha a cidade” (TURINO, 2005, p. 17). A ação atua em duas frentes, em que as experiências das escolas pudessem ser transformadas em Ponto de Cultura ou transformar o Ponto em uma escola, com isso foi lançado edital para que as escolas que já desenvolvessem propostas inovadoras pudessem apresentar seus projetos pedagógicos, nos quais a cultura fosse elemento estruturante. A outra frente de atuação é a parceria dos Pontos direta com as escolas. Nesta frente, no contraturno escolar, as crianças e os jovens participam de atividades culturais as mais diversas, que são integradas ao cronograma da escola. Os Pontos que escolhem assim desenvolver suas ações são preparados e recebem acompanhamento pedagógico, pois assim,

constituiremos um espaço de integração dialógica e vivencial, permitindo que a partir de experiências culturais desenvolvidas em cada Ponto, o aluno possa identificar os signos e códigos da cultura local, e na troca de experiência com outros pontos, apropriar-se do conhecimento estético e ético do que é a cultura brasileira e de como ela se relaciona com as outras culturas (BRASIL, 2005, p. 27).

Destacamos um interessante projeto, idealizado por ex-alunas de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense quando ainda eram estudantes, Priscila Seixas e Dalva Santos, que acontece em Nova Iguaçu que se valeu da Escola Viva para se desenvolver. É o “Cordel com a Corda Toda”, que no início era um Pontinho de Cultura do município.

“Cordel com a Corda Toda” tem como público alvo alunos estudantes da rede pública de ensino. É um projeto sociocultural que tem como visão levar a literatura de cordel e cordelistas para dentro das escolas, com o foco no resgate da cultura popular. A intenção do projeto é

usar a rica e a diversificada cultura do Cordel não só por seu repertório cultural, através do qual celebramos e disseminamos a Literatura e poesia típica dos cordelistas, mas utilizá-las como ferramenta de incremento do estudo da língua portuguesa e de seus possíveis modos de escrever e falar, assim como produzir a melhora do desenvolvimento linguístico dos participantes das atividades (CORDEL COM A CORDA TODA, 2012).

A escolha de trabalhar o cordel nas escolas de Nova Iguaçu não foi aleatória, mas pensando e estudando a localidade, já que a região conta com um grande número de imigrantes nordestinos que se identificam com a literatura de cordel. Ou seja, “Cordel com a Corda Toda” traz a possibilidade dos alunos participantes conheçam um pouco a formação e a história do local em que vivem, além de possibilitar um melhor desempenho linguístico já que o projeto trabalha com a literatura de cordel.

No último dia 4 de junho de 2014 o Senado Federal aprovou o Projeto de Lei que institui a Política Nacional de Cultura Viva¹, o próximo passo é a aprovação pela Câmara dos Deputados. Se aprovado, o Cultura Viva será política permanente do Estado. Com isso, além de ações estruturantes e reconhecer pessoas jurídicas sem fins lucrativos como Pontos de Cultura (desde que estas realizem atividades relacionadas ao tema), “a proposta permite parceria entre Pontos de Cultura com escolas de ensino fundamental e médio de todo o país, para a divulgação de suas ações e bens culturais”.²

1.2.2 Mais Cultura nas Escolas

Ainda recente o *Programa Mais Cultura nas Escolas* que tem como finalidade fomentar ações para promover o encontro entre escolas públicas contempladas com os programas Mais Educação e Ensino Médio Inovador e experiências culturais em curso nas comunidades locais, foi criado em 2011 através de uma iniciativa interministerial entre o Ministério da Educação (MEC) e o Ministério da Cultura (Minc). Segundo o manual do programa:

Os projetos inscritos no Mais Cultura nas Escolas deverão ser uma ação conjunta entre as escolas, artistas e/ou entidades culturais, que elaborarão o Plano de Atividade Cultural da Escola, com o objetivo de aproximar práticas artísticas e culturais do fazer pedagógico das escolas (BRASIL, 2013, p. 4).

Para participar do programa as escolas interessadas, que cumprirem o pré-requisito de estarem inscritas no programa Mais Educação e Ensino Médio Inovador, podem inscrever apenas um projeto que deverá ter sido elaborado com uma entidade cultural parceira. A escola pode “ir atrás” dessas entidades assim como pode acontecer o contrário, essas entidades culturais podem procurar as escolas, além disso, as Secretarias Estaduais e Municipais de Cultura também podem ajudar nessa procura.

Os projetos selecionados receberão entre R\$ 20.000,00 e R\$ 22.000,00, esse valor varia de acordo com o número de alunos matriculados na escola. Os recursos serão repassados em parcela única através do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE). Esse dinheiro poderá ser gasto com contratação de serviços culturais necessários às atividades artísticas e

¹ *Lei Cultura Viva é aprovada no Senado*. Disponível em <<http://www.culturaemercado.com.br/politica/lei-cultura-viva-e-aprovada-no-senado/>>, acesso em 15 de junho de 2014.

² *Ibid* ¹.

pedagógicas; contratação de serviços diversos; aquisição de materiais e equipamentos permanentes e materiais de consumo; locação de transportes, serviços e equipamentos (BRASIL, 2013).

Os projetos a serem desenvolvidos pelas escolas deverão se encaixar em pelo menos um dos nove eixos temáticos, são eles: a) residência de artistas para pesquisa e experimentação nas escolas; b) criação, circulação e difusão da produção artística; c) promoção cultural e pedagógica em espaços culturais; d) educação patrimonial – patrimônio material e imaterial, memória, identidade e vínculo social; e) cultura digital e comunicação; f) cultura afro-brasileira; g) culturas indígenas; h) tradição oral; i) educação museal. Os projetos deverão ter o tempo de duração de no mínimo seis meses, não necessariamente contínuos.

O programa *Mais Cultura nas Escolas* tem como objetivos:

1. Reconhecer e promover a escola como espaço de circulação e produção da diversidade cultural brasileira;
2. Contribuir com a formação de público para as artes e ampliar o repertório cultural da comunidade escolar;
3. Desenvolver atividades que promovam a interlocução entre experiências culturais e artísticas e o projeto pedagógico da escola pública;
4. Promover, fortalecer e consolidar territórios educativos, valorizando o diálogo entre saberes comunitários e escolares, integrando na realidade escolar as potencialidades educativas do território que a escola está inserida;
5. Ampliar a inserção de conteúdos artísticos que contemplem a diversidade cultural na vivência escolar, assim como o acesso às diversas formas das linguagens artísticas;
6. Proporcionar o encontro da vivência escolar com as manifestações artísticas desenvolvidas fora do contexto escolar;
7. Promover o reconhecimento do processo educativo como construção cultural em constante formação e transformação;
8. Fomentar o comprometimento de professores e alunos com os saberes culturais locais;
9. Integrar experiências artísticas e culturais locais no projeto político pedagógico das escolas públicas, contribuindo para a ampliação do número dos agentes sociais responsáveis pela educação no território;
10. Proporcionar aos alunos vivências artísticas e culturais promovendo a afetividade e a criatividade existentes no processo de ensino e aprendizagem (BRASIL, 2013, p. 4-5).

Lendo o programa, analisando suas ações e seus objetivos, percebemos que as escolas são convocadas a um grande desafio para que os projetos sejam implementados e executados de maneira eficiente e eficaz.

Três listas das escolas selecionadas para participarem do programa já foram divulgadas. A primeira no dia 10 de janeiro, a segunda no dia 13 de fevereiro de 2014. Juntas, as três listas, somam 3.096 projetos.

O programa, que tinha o início previsto para o ano de 2013, precisou ser adiado para este ano, 2014. Um dado interessante é que segundo o Ministério da Cultura, o adiamento foi devido a problemas no sistema de inscrição, tanto pela grande procura, como pela dificuldade dos participantes em preencher os dados solicitados (TOKARNIA, 2013).

Diante do *Programa Mais Cultura nas Escolas* e da ação *Escola Viva*, percebemos que as escolas estão sendo chamadas a se constituírem como espaço público de reflexão, de interseção, de encontro e de diálogo, para constituição de cidadão produtores de cultura (MOREIRA; DELOUPY, 2013).

O que nos chama atenção é como essas instituições estão se preparando e encarando esta tarefa. Quem são as pessoas responsáveis por receber, pensar e fomentar as ações que as escolas propõem e recebem? Este é um assunto o qual discutiremos no capítulo a seguir.

2 O PRODUTOR CULTURAL NAS ESCOLAS

Diante das iniciativas que crescem para aproximar o universo escolar do mundo da cultura, abordaremos a seguir a importante atuação que o Produtor Cultural pode vir a exercer dentro das instituições de ensino. Para tanto, antes dessa discussão, analisaremos brevemente o reconhecimento desse profissional e definiremos nossa percepção acerca de suas competências.

2.1 O profissional

A década de 1990 é um período em que o cenário cultural brasileiro se encontra mais estruturado no que tange às formas de institucionalização pública da cultura e à criação de parcerias com a iniciativa privada (CUNHA, 2007). Diante deste panorama foi criada, através do decreto de lei 1494, em 17 de maio de 1995, a Lei Rouanet. Esta reconheceu a existência do profissional da cultura que faz as intermediações de projetos culturais, ou seja, podemos dizer que esse foi um grande marco da oficialização do produtor cultural e da organização do campo cultural no Brasil (RUBIN, 2005).

Neste mesmo período pudemos constatar o surgimento da necessidade de uma formação que aliasse “a prática profissional à possibilidade de uma reflexão mais sistemática, esse fato permitiu a construção de referências coletivas, identificando um campo comum de atuação profissional” (CUNHA, 2007, p.5). Foi então que, em meados dos anos 90, foram criados no Brasil duas graduações com foco na área cultural, o bacharelado em Produção Cultural na Universidade Federal Fluminense, no Rio de Janeiro, e a habilitação em Produção em Comunicação e Cultura na Universidade Federal da Bahia, em Salvador.

Desde a implementação da Lei Rouanet e criação das primeiras graduações até os dias atuais, ocorreram inúmeros avanços no campo da cultura e da produção cultural no país. Com isso, se fez necessária a criação de um instrumento capaz de responder aos desafios que surgiam, capaz de assegurar a continuidade às políticas públicas de cultura do país, de fazer interagir, articular e organizar a gestão cultural. Com isso, foi criado o Sistema Nacional de Cultura (SNC), aprovado em 12 de setembro de 2012, de extrema importância no cenário cultural brasileiro por tornar a política pública de cultura do país em uma política de Estado, não sendo afetada pela troca de governos. O SNC vem destacar a necessidade do

fortalecimento institucional da produção cultural no país através da qualificação, afirmando a importância da formação em política e gestão cultural, já que

em uma circunstância contemporânea em que cada vez mais a cultura adquire centralidade, inclusive porque assume uma dimensão transversal que a faz interagir e ter interfaces com os mais diversos campos sociais, perpassando praticamente toda a sociedade (BRASIL, 2011a, p.62).

Com isso, o SNC visa à criação de uma Política Nacional de Formação na Área Cultural. Este documento ressalta os saberes que a formação de um produtor cultural deve ter:

[...] contemplar conteúdos e metodologias capazes de permitir a compreensão da cultura em sua dimensão simbólica e identitária, sua centralidade para a cidadania e para o desenvolvimento social e econômico; a compreensão das políticas públicas de cultura como resposta a realidades objetivas de bases locais e regionais; a compreensão da economia da cultura e dos modelos de financiamento público; a compreensão e apropriação de ferramentas de gestão de políticas e programas; a compreensão de que o planejamento estratégico é o momento de reflexão política e de correção de rumos, não se reduzindo a uma ferramenta de gestão (BRASIL, 2011a, p.64).

Atualmente, já existem outras graduações e cursos que visam à formação deste profissional. Entre eles, já citado anteriormente, o curso de Bacharelado em Produção Cultural da UFF, que tem como objetivos,

[...] unir áreas do saber filosófico-científico com multimeios e planejamento cultural; Formar profissionais que não apenas reproduzam modelos, atendendo às exigências mercadológicas, aos interesses hegemônicos da indústria cultural, mas capazes de ter iniciativas e desenvolver projetos que valorizem a diversidade sociocultural; Formar produtores conscientes de sua importância e dotados de uma nova visão da cultura, valorizando-a em seu potencial transformador, associando-a à educação, visando construir uma sociedade melhor (UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, 2014).

Por muitas vezes, a figura do produtor cultural é fortemente ligada à gestão e execução de projetos e eventos culturais, essa percepção pode ser devido à implementação da Lei Rouanet, que acabou por se constituir durante muito tempo uma das únicas políticas públicas de cultura, em que através do sistema de renúncia fiscal, se ordenava quais projetos seriam realizados.

Porém, os saberes do produtor cultural vão muito além, sua sensibilidade precisa estar aliada a conhecimento e compromisso político social com a cultura, além de vivenciar, sentir e conhecer cultura (RUBIN, 2005). A capacidade e o dever do produtor cultural estão mais adiante da função de gestão e execução de projetos e eventos culturais. Eles são convocados a

debater, refletir e atuar no campo das políticas culturais, a pensar a cultura em todos os segmentos da sociedade, inclusive o da educação, já que as políticas culturais e programas governamentais estão cada vez mais voltados para unir essas duas áreas do saber, a educação e a cultura. O próprio SNC traz essa relação de articulação, quando diz em seu documento que “o Sistema Nacional de Cultura estará articulado com os demais sistemas nacionais ou políticas setoriais, em especial da educação [...]” (BRASIL, 2011a, p.79).

O produtor cultural é o profissional capaz de atuar nas mais diversas áreas do setor cultural, por exemplo, a dança, o teatro, a música etc. Ele pensa as manifestações culturais na sua mais completa diversidade, ele é chamado a promover o diálogo e o contato entre essas manifestações, bem como a implementação de projetos e programas para desenvolvê-las.

2.2 O produtor cultural dentro das escolas: o olhar de um *educador*

Para a atuação do produtor cultural, dentro das instituições escolares, podemos ter como base a concepção de *educador* e os saberes essenciais que este deve carregar consigo defendidos veemente por Paulo Freire. À primeira vista podemos achar incoerente imaginar o produtor tendo como base os princípios de um *educador*. Essa estranheza acontece por associarmos a palavra educar ao sentido pejorativo que ela adquiriu ao longo dos anos dentro do sistema educacional, o da *educação bancária* (FREIRE, 1987).

Se ligarmos a figura do produtor a essa concepção bancária da educação, de fato, sua atuação não fará o menor sentido e não terá valor algum, este se tornará apenas mais um no meio da crise do sistema educacional. Pois como explica Freire (1987, p. 33), na educação bancária

em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. [...] A única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receber o depósito, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores de coisas que arquivam. [...] O saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber.

Ou seja, os estudantes são tratados como meros objetos para depósito pelo sistema educacional. Entretanto, oposta à concepção bancária da educação, a atuação do produtor cultural dentro da instituição escolar, tomando como base os princípios de um educador, é baseada na ideia defendida por Freire (2006, p. 116) de uma educação dialógica, pois “quem

dialoga, dialoga com alguém sobre alguma coisa”. Portanto, o produtor deve ter sua atuação baseada no permanente diálogo com os alunos, suas realidades e experiências de vida.

É através da construção desse constante diálogo que poderemos aproximar os alunos do espaço escolar e, com isso, conscientizá-los de sua importância no mundo, da sua capacidade de criar, recriar e transformar, ou seja, o seu reconhecimento como um ser produzido pela cultura, mas principalmente produtor de cultura. Portanto, o produtor cultural como educador não estará ali para transferir ou depositar conhecimento algum, mas sim para criar possibilidades para a sua produção e criação através da bagagem cultural que os alunos já trazem consigo para dentro da escola (FREIRE, 2002).

Para além da construção dessa aproximação com os estudantes, o produtor deve estar atento à importância em se construir a relação dialógica *com* e *entre* a comunidade escolar (alunos, professores, professores de arte e de música, terceirizados etc), profissionais e equipamentos culturais (museus, teatros, produtores/agentes culturais etc) e com a comunidade na qual a escola está inserida.

Indo além do caráter dialógico, o produtor cultural pode e deve, se realmente interessado em atuar dentro das instituições escolares, ter como base e se apropriar de outros saberes essenciais à um educador, destacados por Freire (2002) em seu livro *Pedagogia da Autonomia*. O produtor deve saber que sua relação com os estudantes além de dialógica deve ter o respeito ao saber dos alunos, apreensão da realidade em que estes vivem, entender que assim como a educação a cultura é uma forma de intervenção no mundo e, também, ele deve saber escutar o que os estudantes tem a dizer.

2.3 A aproximação com a comunidade

Cabe ressaltarmos a importância da comunidade local, na qual a escola está inserida, se realmente estamos interessados em unir a educação e a cultura.

Como já dissemos no capítulo anterior, a comunidade a qual cerca a escola, diz muito sobre os alunos que a compõem, pois “os saberes comunitários representam o universo cultural local, isto é, tudo aquilo que nossos alunos trazem para a escola” (BRASIL, 2008, p. 37). Pode nos parecer óbvio a defesa da relação entre escola e comunidade, mas, por vezes, o que está fora dos muros escolares é ignorado. Como se o saber e o conhecimento que ali se adquire devesse ser esquecido pelos alunos. Temos, por vezes, resistência em aceitar a “leitura de mundo” - que é condicionada pela sua cultura - que o aluno chega à escola.

Freire (2002), em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, conta-nos uma história que aconteceu em uma instituição de ensino da rede municipal de São Paulo, em que numa das salas de aula estavam sendo expostas fotografias das redondezas da escola, foi quando um dos professores disse: “Há dez anos ensino nesta escola. Jamais conheci nada de sua redondeza além das ruas que lhe dão acesso. [...] Como ensinar, como formar sem estar aberto ao contorno geográfico, social, dos educandos?” (FREIRE, 2002, p. 86). Mas para que a escola se transforme em um espaço de diálogo com a cultura local é importante também reconhecermos que as experiências educacionais e culturais se desenvolvem dentro, mas também fora do ambiente escolar.

Se buscamos a aproximação dos alunos com o espaço escolar e se queremos fazer surgir o interesse em se envolver e se relacionar com os projetos e atividades culturais que serão propostos, a comunidade e a escola devem caminhar lado a lado. Estando atentos de que,

qualquer escola está inserida em uma comunidade com especificidades culturais (saberes, valores, práticas, crenças etc.) – algumas são centro catalisadores de mais de uma experiência comunitária, pois reúnem alunos de distintos espaços sociais (BRASIL, 2008, p. 19).

O produtor cultural engajado na ideia de criar um permanente diálogo com os alunos e com a comunidade pode vir a tornar-se peça importante para que a escola deixe de viver uma realidade idealizada, desconectada do concreto.

2.4 Mediador cultural

Temos conosco que todos os seres humanos são sujeitos produzidos *pela* cultura, mas também produtores de cultura, com isso não podemos esquecer que os alunos assim também o são. Essa afirmação pode parecer um tanto quanto óbvia, mas quando estudamos sobre cultura e educação percebemos o quanto, por vezes, essa verdade é negligenciada, o quanto, por vezes, o saber cultural dos alunos é tido como insignificante.

Neste sentido, caberá ao produtor cultural pensar em conjunto com os saberes culturais que esses alunos carregam para dentro das escolas e com os saberes da comunidade local. Entender como são os estudantes, conhecer suas realidades, fazê-los reconhecer-se como seres produtores de cultura, fomentar ações e projetos que promovem tal valorização, é uma das funções fundamentais do produtor dentro das instituições escolares. Precisamos valorizar o

que os alunos sabem, tendo o cuidado para não tratar como fora dos padrões tudo que aprendem em sua comunidade (LOPES; MENDES; FARIA, 2005). Só assim eles poderão ter o respeito aos diferentes, às culturas dos outros.

Estudar a cultura como um todo e a cultura de determinado povo em especial possibilita entendermos as diferenças existentes entre os países, os lugares, os povos. Mostra algo que é diferente daquilo que fazemos, que conhecemos, que estamos acostumados. Outros países, outros lugares, outros povos, outras comunidades podem ter hábitos diferentes dos nossos. É importante conhecermos a variedade cultural para aprendermos a respeitar as diferenças e, do mesmo modo, sermos respeitados (LOPES; MENDES; FARIA, 2005, p. 19).

Na rede social *facebook*, muito difundida e utilizada no Brasil, uma frase no mínimo curiosa tem circulado “música perfeita é aquela que mexe com sua alma e não com a sua bunda”. Essa frase se refere a um tipo de música dita pertencente à população da periferia carioca, o *funk*. Ela está carregada não apenas de uma opinião a respeito de gosto sobre o que é uma música boa ou ruim, mas ela carrega pré conceitos relacionados àquilo que é produzido pela periferia, pela cultura deles. Como se o que eles produzissem não fosse possuidor de valor, não fosse passível de ser chamado de cultura. O que falta para entendermos e respeitarmos a cultura dos outros? Aquilo que nos é diferente e, por isso, nos parece estranho?

A atuação do produtor cultural, ao dialogar com o saber dos estudantes e com a comunidade em que a escola está inserida vem para aproximar os alunos de outras culturas para que as façam conhecer e respeitar o que é diferente.

Com o conhecimento de si como um ser produzido pela cultura, mas também como um ser produtor de cultura, e ao ter a possibilidade conhecer outras culturas, podemos despertar nos alunos a curiosidade e o interesse em conhecer outras formas de expressão cultural, já que “ao serem reconhecidos como sujeitos, também reconhecem os outros, intensificando a troca entre si” (BRASIL, 2005 p.18). Estender a visão de mundo desses alunos permite-os conhecer e experimentar novas expressões e manifestações culturais, proporcionando a eles a oportunidade de decidir o que gostam ou não.

O coordenador artístico do projeto “Cordel com a Corda Toda” - projeto apresentado no capítulo anterior – Marcos Covasky ressalta que

existe um paradigma de que o adolescente também só se interessa por coisas contemporâneas, internet e tal. E quando a gente vem com um projeto como esse eles compram a ideia. Uma porção de adolescente fazendo um projeto de resgate de cultura popular (CORDEL COM A CORDA TODA, 2012).

Através da fala de Covasky (CORDEL COM A CORDA TODA, 2012), percebemos o quanto importante será a atuação do produtor cultural dentro da escola se este estiver atento aos pré conceitos que por vezes se carrega como, por exemplo, o de achar que os estudantes das escolas públicas não podem se interessar em mais nada para além do *funk*.

Precisamos realizar a mediação cultural com os alunos, pois, como ressalta Leite (1998, p. 152), é importante “ouvir todo tipo de música, ler e ouvir histórias variadas, dançar e mexer seu corpo com ritmo”. Por isso, a importância em articular e fazer dialogar a escola com as diversas instituições culturais existentes seja museus, teatros, bibliotecas e até as produtoras culturais e seus projetos. O gosto pelo teatro, pelo cinema, pelos diversos tipos de música ou por qualquer manifestação artístico-cultural se aprende, pois “ninguém gosta de algo sem conhecê-lo. De que maneira se pode tomar como importante, e mesmo imprescindível, aquilo que não conhecemos em todas as suas possibilidades?” (DESGRANGES, 1998, p. 45).

Além do mais, trazer as mais diversas manifestações artístico-culturais para dentro da escola e levar esses alunos para os diferentes espaços culturais também é possibilitar a eles uma multiplicidade de significações ao mundo (LEITE, 1998), o que é de extrema importância para a formação do indivíduo cidadão. Por isso,

é importante que as instituições de Educação Infantil ofereçam meios para que diferentes tipos de experiências culturais possam acontecer. Os tipos de música ouvidos pelas crianças em casa, nas comunidades e nos bairros onde vivem devem ser respeitados. É fundamental conhecer esses tipos de música e, também, proporcionar oportunidades para que as crianças ouçam outros tipos de músicas. Um pequeno aparelho de som na sala de aula pode ajudar bastante na formação cultural musical das crianças. Assim, a valsa, o samba, a música sertaneja, o chorinho, a música popular brasileira, músicas infantis, cantigas de roda e outros tipos [...] podem ser ouvido (LOPES; MENDES; FARIA, 2005, p. 26).

Ampliar seus repertórios e fazê-los ir para além daquilo que se apresenta diante de seus olhos, dar-lhes a oportunidade de conhecer outras culturas e outras manifestações artístico-culturais é um dos desafios que se apresenta ao produtor cultural.

2.5 Articular, fomentar e dinamizar

Para além dos saberes essenciais citados anteriormente, apresentaremos três palavras que serão norteadoras do desenvolvimento do trabalho do produtor cultural dentro das instituições escolares: articular, fomentar e dinamizar.

A importância do espaço escolar como central para a disseminação cultural e para construção de sujeitos conscientes de que são produtores de cultura já foi discutida aqui anteriormente. Diante deste cenário, é fundamental a articulação entre as diferentes frentes educacionais e culturais, pois em vão serão os esforços dos trabalhos desenvolvidos isoladamente.

O *Programa Mais Cultura nas Escolas* e a *Escola Viva* ao surgirem salientam a importância em se articular à escola – e conseqüentemente os alunos e os professores -, a comunidade na qual esta se encontra inserida. Além disso, deve-se buscar articular, para realizar um trabalho em conjunto com as escolas, as instituições e equipamentos culturais e produtoras, pois é importante que os alunos tenham a possibilidade de participar de atividades culturais para além dos muros escolares.

Caberá ao produtor cultural fomentar ações que possam promover o diálogo. Fomentar ações e projetos que possam ocorrer de dentro pra fora e de fora pra dentro do espaço escolar, tendo em vista a rede de relação criada através da articulação que deverá ser construída. Com o desenvolver de seu trabalho, o produtor deverá se esforçar para fomentar à produção, difusão e circulação de conhecimento e bens culturais.

Ao defendermos a atuação do produtor cultural nas escolas, precisamos estar atentos às dinâmicas nas quais este profissional estará inserido, atuando diante do cotidiano da instituição escolar. Por isso, é também necessária a percepção da dinamização de processos burocráticos, como, por exemplo, estar em contato com a Conselho Regional de Educação (CRE), rodar circular, solicitar autorização da diretoria para realização de eventos e projetos dentro e fora da escola. Pois diante da dinâmica escolar, estes também são processos importantes, pois em determinadas situações podem impossibilitar que projetos e ações culturais possam ser realizados *na* escola e *pela* escola.

3 BRASIL DE TUHU: ESTUDO DE CASO

Em 2013, atravessou o meu caminho o programa Brasil de Tuhu – Educação Musical que escolhi utilizar como objeto de estudo para a construção do presente trabalho. A oportunidade de participar do programa e a entrevista realizada com a produtora executiva da 5ª edição possibilitou analisar situações que me fizeram refletir e visualizar, de forma mais concreta, a atuação do produtor cultural dentro das instituições escolares.

3.1 O Programa

O programa Brasil de Tuhu – Educação Musical, neste ano de 2014, chega a sua 6ª edição. De sua primeira edição pra cá, o programa já percorreu um longo caminho, diversos estados do Brasil, se desenvolveu e cresceu.

Brasil de Tuhu foi idealizado e é produzido pela Baluarte Agência de Projetos Culturais - uma produtora fundada por duas ex-alunas do curso de Bacharel em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, Fabiana Costa e Paula Brandão -, em parceria com Carla Rincón, integrante do Quarteto Radamés Gnattali.

O programa propõe a circulação de concertos de música erudita pelas escolas da rede pública de ensino, impulsionado pela Lei Federal nº 11.769, que inclui a música como conteúdo obrigatório nas escolas brasileiras, aprovada em 18 de agosto de 2008. Como grande homenageado, tem-se um dos maiores compositores brasileiros: Heitor Villa-Lobos. Daí também se dá o nome do projeto, já que “Tuhu” era o apelido de infância de Villa-Lobos. O Quarteto Radamés Ganttali adaptou e hoje interpreta o “Guia Prático” do compositor, para abordar as influências que deram forma à música brasileira e contar um pouco a trajetória de sua vida. O “Guia Prático” é

uma coletânea de canções populares, como cantigas de ninar e de roda, que foram harmonizadas para piano e canto por Villa-Lobos a fim de serem trabalhadas no ensino musical escolar. Encantado com essas melodias, ele documentou expressões típicas de várias regiões brasileiras, escrevendo esta obra que se tornou uma referência à educação musical infantil. Ao utilizar melodias facilmente reconhecíveis do público, o processo de troca fica facilitado, pois passam a perceber

que a música trabalhada por Villa-Lobos está presente em seu cotidiano e faz parte de sua realidade (SITE BRASIL DE TUHU, 2014).³

A partir desse processo de reconhecimento das músicas interpretadas durante a apresentação dos concertos, o Quarteto Radamés Gnattali estabelece uma constante interação com os alunos, convidando-os para participar do concerto, seja tocando algum instrumento de percussão (ovinhos, pandeiro ou clave), dançando ou cantando. Para estimular ainda mais a participação dos estudantes, ao final das apresentações o quarteto realiza um sorteio, em que os alunos sorteados respondem a uma pergunta sobre o que foi apresentado durante o concerto e aqueles que acertam ganham um brinde do projeto.

Figura 1 – Alunos participando do concerto realizado no CIEP Ministro Gustavo Capanema, 2013



Figura 2 - Aluno participando do concerto realizado no CIEP Engenheiro Wagner, 2013



³ Depoimento de Paula Brandão, sócia-diretora da Baluarte Agência de Projetos Culturais. Disponível em <<http://www.brasildetuhu.com.br>>, acesso em 19 de junho de 2014.

Figura 3 - Alunos do CIEP Ministro Gustavo Capanema confeccionaram um mural com trabalhos em homenagem à Villa-Lobos, 2013



Figura 4 - Alunos do CIEP Leonel de Moura Brizola confeccionaram um mural em homenagem à Villa-Lobos, 2013



Após a realização dos concertos é aplicada uma pesquisa aos estudantes, com perguntas para saber quantos já haviam tido a oportunidade de participar de um concerto didático, se eles conheciam os instrumentos que ali estavam, se eles gostaram da

apresentação, se assistiriam novamente um concerto como esse, entre outras perguntas. Essa é uma forma de conhecer um pouco a aproximação desses alunos com a música clássica e saber o que eles acharam do concerto que foi apresentado.

Figura 4 - Alunos do CIEP Engenheiro Wagner respondendo a pesquisa, 2013



3.2 Uma trajetória de seis anos

Em sua primeira edição, no ano de 2009, o programa, que tinha o nome de *Concertos Didáticos*, teve como público alvo adolescentes e jovens estudantes da rede pública de ensino. As apresentações foram realizadas nos estados do Acre, Mato Grosso e Piauí, em que 44 escolas participaram e aproximadamente 3.700 alunos foram alcançados.⁴

Em 2010, ainda com o nome de *Concertos Didáticos*, o projeto viajou pelos estados do Ceará, Mato Grosso do Sul e Tocantins, participaram do projeto aproximadamente 3.750 alunos e 15 instituições da rede pública de ensino.⁵

A partir de sua terceira edição, no ano de 2011, o projeto passou a chamar-se *Brasil de Tuhu – Concertos Interativos* e seu público alvo, além de jovens, passou a contemplar também as crianças. No decorrer desses anos os concertos foram realizados no estado do Rio de Janeiro, em escolas da rede pública localizadas nos mais diversos bairros, seja na zona sul ou na zona norte. Além das apresentações dos concertos, o programa ampliou o seu conteúdo e criou novas ações, são elas:

⁴ Dados retirados do site www.brasildetuhu.com.br

⁵ Dados retirados do site www.brasildetuhu.com.br

- a) debates: sobre o ensino musical nas escolas brasileiras;
- b) vivências: encontros que visam ajudar os educadores na elaboração de suas aulas de música, através de exercícios desenvolvidos durante os dias da vivência;
- c) videoaulas: apresentação dos mais variados instrumentos ministradas por professores renomados no meio musical, desde 2012 já foram lançadas videoaulas de violino, violoncelo, flauta transversa, teclado, violão, musicalização, viola, bandolim e sanfona.

Ao longo desses cinco anos Brasil de Tuhu já percorreu mais de 50.000 mil quilômetros, os concertos já passaram por 35 municípios de 7 estados diferentes. Totalizam mais de 10.000 o número de alunos beneficiados em 91 escolas brasileiras. E com a realização dos concertos nesta 6ª edição mais alunos serão alcançados!

Devido ao seu grande desenvolvimento, neste ano de 2014 em que Brasil de Tuhu chega ao seu sexto ano consecutivo de realização, ele ganha o status de “programa” e passa a se chamar *Brasil de Tuhu – Educação Musical*. Para ampliar ainda mais o seu alcance, além da continuação das ações já desenvolvidas (concertos, vídeoaulas e vivências) o programa lançará o seu site oficial, com a produção de uma revista e uma rádio. Indo mais além, será lançado um aplicativo de celular baseado no “Guia Prático” de Heitor Villa-Lobos, será um jogo voltado para o público infantil para estimular, desde pequeno, o interesse pela música.

3.3 Brasil de Tuhu – 5ª edição

Abordarei o processo de desenvolvimento do programa diretamente com as instituições escolares pelas quais os concertos percorreram. Escolhi a 5ª edição do Brasil de Tuhu, pois foi a qual pude participar e vivenciar como estagiária de produção.

Durante o período de novembro de 2013, os concertos foram realizados em doze diferentes escolas da rede pública de ensino da cidade do Rio de Janeiro. Percorremos os bairros de Irajá, Vargem Grande, Coelho Neto, Inhoaíba, Bangu, Jabour, Ramos, Vila do Pinheiro e São Conrado.

Os concertos do Brasil de Tuhu estavam previstos para acontecer durante o segundo semestre de 2013. A preocupação inicial se deu com a notícia da greve dos professores das redes municipal e estadual de ensino público, a paralisação se iniciou no dia 8 de agosto e não

tinha previsão de fim. Foi então que no dia 24 de outubro de 2013, os professores decidiram por bem o retorno às aulas.

No decorrer da greve, a equipe de produção do projeto definiu o trajeto pelo qual o programa pretendia percorrer e mapeou as escolas que estavam no caminho e que poderiam receber o concerto. Então, foi iniciada a etapa de contato com essas instituições em que a Baluarte Agência apresenta o projeto e discute com as escolas uma possível data para a realização. O que de início já se constituiu uma problemática, pois, devido à greve, essas escolas estavam numa grande correria contra o tempo, fazendo reposição de aulas e aplicando provas nos mais diversos horários.

O primeiro contato foi feito por telefone, explicamos rapidamente sobre o programa Brasil de Tuhu e perguntamos com quem podemos falar para tratar do assunto. Quem na escola é responsável por fazer esse diálogo com os projetos culturais que chegam? Em entrevista realizada com Fabiana Gomes (2014), produtora executiva do programa em 2013, ela afirma que “o primeiro contato é sempre com a diretora que geralmente encaminha para a coordenadora pedagógica”. Na maioria das vezes o programa de fato foi encaminhado para a coordenadora pedagógica, mas em algumas escolas o responsável foi o professor de música ou até mesmo o inspetor “boa praça”.

Nas escolas que aceitaram conhecer e receber o concerto, realizamos uma visita na qual apresentamos de forma mais completa o programa, verificamos se havia um espaço viável para a realização dos concertos e quantos alunos tinham matriculados. Mas principalmente, esse contato foi importante para perceber o real interesse das escolas em receber os concertos do Brasil de Tuhu. Qual a atenção que nos é dada durante a conversa, qual a expectativa da instituição com o projeto. Assim, depois desse encontro, selecionamos e definimos as instituições pelas quais o concerto iria passar.

A etapa seguinte foi manter o contato com as escolas selecionadas. Não deixar que – diante de todos os trabalhos que a escola realiza, as dificuldades que sabemos que as instituições públicas enfrentam – o programa caísse no esquecimento e para que o trabalho de mobilização com os alunos fosse realizado. De acordo com Fabiana Gomes (2014), “o diálogo com a escola é um processo que se vai construindo ao longo do desenvolvimento do projeto. Como para o aproveitamento do projeto isso é fundamental, dei muita atenção à construção desse diálogo”. Essa etapa também foi complicada, pois, devido à greve, além de termos um tempo muito curto entre o primeiro contato e a realização do concerto, por diversas vezes não conseguimos contato com a mesma pessoa que nos recebeu a primeira vez e que seria a responsável pelo programa. Então, quando isso acontecia, tínhamos que iniciar todo o

processo de apresentação dos concertos do Brasil de Tuhu, colocando essa nova pessoa a par do que havia ficado combinado até então.

Ainda antes da realização da apresentação do concerto, a equipe de produção foi mais uma vez a essas escolas para fazer a etapa de divulgação: distribuir cartazes, convidar e mobilizar alunos e professores e, mais uma vez, manter o diálogo com o responsável pelo programa na escola.

E em novembro de 2013 todos os concertos foram realizados dentro do cronograma previsto e com êxito, tivemos um grande número de alunos participando e tendo a oportunidade de experimentar algo que, para muitos, era novo em suas experiências de vida.

3.4 O projeto, a escola e o produtor cultural

Realizar um projeto cultural dentro da atual dinâmica que as escolas brasileiras vivenciam não é uma tarefa simples. Fabiana Gomes (2014) destaca que na 5ª edição do programa Brasil de Tuhu, “a maior dificuldade é que em muitas escolas há mudança do interlocutor entre um contato e outro. As escolas têm atividades muito intensas [...]”. Na etapa de divulgação do projeto para os alunos, em uma das escolas a diretora não pode nos receber no horário marcado anteriormente, pois precisou “atender” a mãe de uma aluna que havia chegado desesperada na escola relatando que sua filha havia fugido de casa. Como parar para “receber” um projeto cultural diante de uma situação como essa?

Não ter alguém responsável pelas atividades culturais da escola é uma dificuldade que se apresentou para a realização dos concertos. Já que o programa sugere que seja apresentado anteriormente para os alunos um pouco da história de Heitor Villa-Lobos, o que são os concertos e toda a sua dinâmica, assim os alunos desde o início podem se envolver com a dinâmica da realização dos concertos. E não ter um responsável pelo projeto inviabiliza muitas vezes que seja feita uma mobilização e articulação do professor de arte, ou de música, ou o de história para falar aos alunos um pouco de Villa-Lobos e da importância dele na música brasileira. E é incrível como esse diálogo anterior com os alunos potencializa a realização dos concertos, quando a escola se mobiliza os resultados são inestimáveis. Nas fotos apresentadas anteriormente pudemos ver trabalhos desenvolvidos pelas crianças e jovens em homenagem a Villa-Lobos.

Na medida em que a cada contato que se faz com a escola um novo interlocutor que se apresenta, a continuidade do projeto se perde um pouco e a sua dinâmica se atrasa. Neste ano

de 2014, por exemplo, em que os concertos serão realizados nas lonas e arenas culturais do Rio de Janeiro, ou seja, requer que esses alunos saiam de suas escolas, a falta/mudança de interlocutor tem atrapalhado o contato efetivo com essas instituições.

Pude perceber através do programa Brasil de Tuhu, as possibilidades de atuação do produtor cultural dentro das instituições escolares e como sua presença pode ser importante. Já que ele poderia ser o intermediador entre as instituições culturais (produtoras, museus, teatros) e a escola, possibilitando assim o diálogo entre essas instituições. Com o Brasil de Tuhu o produtor cultural poderia trabalhar até mesmo com o diálogo entre a própria comunidade escolar, fazendo interagir alunos, professores de música e de arte, efetivando mais ainda a realização dos concertos. Além disso, o produtor pode proporcionar aos professores de músicas a oportunidade de ampliar seus conhecimentos, promovendo a divulgação das vivências que o projeto realiza.

Essas foram algumas das possibilidades de atuação do produtor cultural dentro das instituições escolares, que pude destacar com a realização do Brasil de Tuhu durante a produção dos concertos da 5ª edição do programa. Mas as possibilidades vão muito mais além, como pudemos perceber nas discussões levantadas durante o segundo capítulo deste trabalho.

CONCLUSÃO

No decorrer do presente trabalho buscamos discutir a atuação do produtor cultural dentro das instituições escolares, já que partimos do princípio da importância da escola para a disseminação cultural e como ela tem se tornado central para a construção de sujeitos produtores de cultura (MOREIRA; DELOUPY, 2013).

Antes de discutirmos sobre essa constituição do espaço escolar, refletimos sobre a importância em atrelarmos educação à cultura, se esta, de fato estiver comprometida na formação de sujeitos cidadãos, conscientes de sua atuação e presença no mundo. Desse modo, a formação cultural precisa estar presente no sistema educacional, pois

todo o processo de educação, realizado dentro e fora da escola, tem na cultura um potencial que possibilita a qualificação e a mediação necessárias para a construção e o exercício da cidadania, fortalecendo o tecido social e o desenvolvimento das comunidades (SETUBAL, 2008, p. 9).

A possibilidade da experiência com a produção cultural contribui para a formação do indivíduo, por isso, crianças, jovens e adultos devem ter a possibilidade de aprender “com a história, com os livros, com o cinema, com a música, a dança, o teatro, com a linguagem e a arte” (KRAMER, 1998, p. 23).

Com a percepção da importância do caminhar lado a lado desses dois campos do saber, pensar a escola como central para a dinâmica cultural foi também repensarmos a forma como essa instituição se apresenta nos dias atuais. Na pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas, pudemos perceber que os alunos não querem a escola que a eles se apresentam. Portanto, é preciso que a escola busque uma aproximação com os seus alunos, que ela os enxerguem como seres criadores e detentores de saber, compreendendo-os levando em conta suas experiências vividas⁶ (DAYRELL, 1996). E para além das particularidades de cada aluno, a escola precisa estar atenta ao contexto sociocultural no qual ela se insere. Destacamos que essa instituição precisa estar mais aberta ao diálogo e se constitua em uma rede, em que faça dialogar seus alunos, professores, equipamentos/instituições culturais e a comunidade local.

Apresentamos a Escola Viva e o Mais Cultura nas Escolas por serem iniciativas governamentais que estão atentas à intrínseca relação da cultura e da educação e como a

⁶ Matéria prima a partir do qual os jovens articulam sua própria cultura (DAYRELL, 1996, p. 140).

escola precisa ser potencializada diante da sua centralidade, por ser um espaço de encontro e de diálogo, “havendo oportunidade para os alunos falarem de si, trocarem ideias, sentimentos” (DAYRELL, 1996, p. 151) e experiências. Ambas as iniciativas destacam a importância da escola em desenvolver e receber iniciativas da área da cultura, mas que tenham diálogo com a comunidade local e com os saberes de seus alunos.

Diante deste cenário que se apresenta discutimos sobre a presença do produtor cultural atuando juntamente e dentro das instituições escolares, fazendo parte do quadro profissional. Ao longo dos anos, desde as primeiras graduações e do “reconhecimento” da figura deste profissional, através da Lei Rouanet, pudemos perceber que o produtor cultural tem vindo a ocupar diversos espaços, como museus, teatros, arenas e lonas culturais, Secretarias de Cultura, lugares em que sua presença se tornou necessária - devido ao desenvolvimento do campo cultural e de suas políticas - e que antes não eram ocupados. E identificamos que a escola, a área educacional, é mais um lugar que o produtor cultural deve ocupar.

Sabemos que a cultura perpassa diversas instâncias e se liga a vários saberes, e a educação é um deles. O próprio PNC tem como uma de suas metas a ligação entre essas áreas, uma delas é a meta número 14, que diz: “100 mil escolas públicas de educação básica desenvolvendo permanentemente atividades de Arte e Cultura” (BRASIL, 2011b, p. 11). O SNC também destaca em todo o texto do documento de estruturação, institucionalização e implementação, a importância da articulação das políticas culturais e educacionais. Com esses exemplos e através da apresentação da Escola Viva e do Mais Cultura nas Escolas, fundamentamos e pensamos a presença do produtor cultural atuado diretamente nas instituições escolares.

Em momento algum nos propusemos a montar um plano de carreira para o produtor cultural que atuará dentro das escolas. Nosso objetivo foi discutir a importância que este pode ter exercendo seu trabalho nessas instituições de ensino, refletindo sobre os saberes e o papel que este deverá possuir.

Assim, propomos que o produtor cultural tivesse como base a ideia de *educador* defendida por Freire (2002), devido aos saberes que consideramos muito importantes quando falamos em relacionar cultura e educação. O produtor enquanto *educador* primará pelo diálogo, pelo respeito ao saber dos estudantes, pela apreensão da realidade na qual estes vivem, sempre escutando o que eles têm a dizer e ter em mente que assim como a educação a cultura é uma forma de intervenção no mundo.

Pudemos perceber a necessidade da escola em se relacionar e dialogar com a comunidade na qual ela está inserida. Este é um dos fatores que consideramos importantes se,

de fato, queremos propor a atuação do produtor nas escolas e se destacamos a sua presença como sendo essencial. Esse diálogo entre escola e comunidade também pode ser percebido dentro da Escola Viva e do Mais Cultura nas Escolas.

Discutimos também sobre o produtor cultural como mediador cultural desses alunos. Através da relação dialógica que deve ser estabelecida com os estudantes, o produtor deve pensar em conjunto com os saberes que estes carregam para dentro da escola, já que

os alunos já chegam à escola com um acúmulo de experiências vivenciadas em múltiplos espaços, através das quais podem elaborar uma cultura própria, uns ‘óculos’ pelo qual veem, sentem e atribuem sentido e significado ao mundo (DAYRELL, 1996, p.141).

Acreditamos que aproximando e valorizando os saberes que estes trazem consigo para dentro do muro escolar, eles podem se reconhecer como produtores de cultura, e assim, estarão abertos a conhecer outras culturas. É dar-lhes a possibilidade de se aproximarem da cultura do outro, dando-lhes a oportunidade de decidirem o que gostam ou não. É estarmos conscientes também que precisamos possibilitar que estes alunos possam expandir suas experiências culturais, ampliando seus repertórios. Por isso caberá ao produtor cultural juntamente com a escola proporcionar as oportunidades para que as crianças, jovens e adultos estudantes tenham acesso a todos os tipos e modos do fazer cultural, é valorizar e promover a diversidade cultural que se faz presente.

Com as discussões e reflexões que foram levantadas ao longo dos dois primeiros capítulos, apresentamos o Brasil de Tuhu. Uma das coisas que mais chamaram a atenção no programa e por isso escolhê-lo como objeto de estudo, foi perceber como os concertos didáticos dialogam com os alunos e com o seu cotidiano. Já que as músicas que ali são tocadas, que fazem parte do Guia Prático de Heitor Villa-Lobos, incluem: “A cantiga de ninar”, “Mia gato”, “Carneirinho, Carneirão”... Músicas que fazem parte da infância da grande maioria desses alunos que assistem aos concertos. Além de dialogar com as experiências de vida dos alunos, o programa ainda os apresenta “o novo”, que é a música clássica e os instrumentos utilizados pelo Quarteto Radamés Gnattali: os violinos, a viola e o violoncelo. E é emocionante ver o fascínio das crianças, adolescentes e adultos professores (até eles) ao presenciarem, na grande maioria das vezes, pela primeira vez um concerto de um quarteto de cordas, um concerto de música clássica.⁷

⁷ Segundo os dados compilados das entrevistas aplicadas aos alunos no ano de 2012, 93% das crianças e jovens disseram ter interesse em participar de um outro concerto como o do Brasil de Tuhu.

Através do programa Brasil de Tuhu pudemos perceber algumas das dificuldades que são encontradas pelos projetos quando estes chegam às escolas. Uma das problemáticas levantadas foi a ausência de uma pessoa responsável por “receber” o projeto e otimizar/potencializar a sua realização. Dando-nos a oportunidade de discutir a presença do produtor cultural dentro das instituições de ensino.

Não sabemos se, de fato, algum dia o produtor cultural atuará diretamente dentro das escolas, mas percebemos o quanto esse profissional tem sido chamado a ocupar a área educacional, mesmo que de fora pra dentro. São iniciativas como o projeto Cordel com a Corda Toda e o programa Brasil de Tuhu – Educação Musical, ambos idealizados e desenvolvidos por ex-alunas do curso de Bacharelado da Universidade Federal Fluminense, e programas interministeriais, unindo o MinC e o MEC, como a Escola Viva e o Mais Cultura nas Escolas que nos permitem fazer essa afirmação.

REFERÊNCIAS

BRASIL DE TUHU. Disponível em: <<http://www.brasildetuhu.com.br>>. Acesso em: 19 jun. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Ministério da Cultura. *Programa Mais Cultura nas Escolas – Manual*. Brasília, DF: MINC/MEC, 2013. Disponível em: <<http://www.funarte.gov.br/wp-content/uploads/2013/06/manualMaisCultura.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2014.

BRASIL, Ministério da Cultura. *Estruturação, institucionalização e implementação do Sistema Nacional de Cultura*. Brasília, DF: MINC, 2011a. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/documents/10907/963783/livro11-602-para-aprovacao.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2014.

BRASIL. Ministério da Cultura. *Metas do Plano Nacional de Cultura*. 2011b. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/documents/10883/11294/METAS_PNC_final.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2014.

BRASIL. *Ministério da Cultura. Plano Nacional de Cultura: Diretrizes Gerais*. 2. ed. 2007. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/pnc>>. Acesso em: 4 maio de 2014.

BRASIL, Ministério da Educação. *Rede de saberes mais educação: pressupostos para projetos pedagógicos de educação integral: caderno para professores e diretores de escola*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cad_mais_educacao_2.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2014.

CARVALHO, Edgar de Assis. Religação dos saberes e educação do futuro. In: COELHO, Teixeira (Org.). *Cultura e educação*. São Paulo: Iluminuras, 2011. p. 29-42.

COELHO, Teixeira (Org.). *Cultura e educação*. São Paulo: Iluminuras, 2011.

CORDEL COM A CORDA TODA. Rio de Janeiro: Blogspot, 2012. Disponível em: <<http://projcordelcomacordatoda.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 01 maio 2014.

CULTURA E MERCADO. *Lei Cultura Viva é aprovada no Senado*. Disponível em: <<http://www.culturaemercado.com.br/politica/lei-cultura-viva-e-aprovada-no-senado/>>. Acesso em: 15 jun. 2014.

CUNHA, Maria Helena. *Gestão cultural: construindo uma identidade profissional*. Salvador: UFBA, 2007. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/MariaHelenaCunha.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2014.

DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

DESGRANGES, Flávio. O teatro do sem jeito manda lembranças: um pequeno estudo sobre o espectador do teatro épico. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel (Orgs.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papyrus, 1998. p. 45-76.

FERREIRA, Juca. Oportunidades de voz, de comunicação e de vida. In: BRASIL. Ministério da Cultura. *Cultura Viva: Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania*. 3. ed. Brasília, DF: Ministério da Cultura, 2005. Disponível em: <http://www2.cultura.gov.br/culturaviva/wp-content/uploads/2010/11/Cat%C3%A1logo_-Cultura_-Viva-2005.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2014.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Ano da digitalização: 2002. Disponível em: <http://plataforma.redesan.ufrgs.br/biblioteca/pdf_bib.php?COD_ARQUIVO=17338>. Acesso em: 23 abr. de 2014.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Fabiana. Entrevista concedida a Mariana Rodrigues Lozorio. Rio de Janeiro, 17 de maio de 2014.

KRAMER, Sonia. O que é básico na escola básica? Contribuições para o debate sobre o papel da escola na vida social e na cultura. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel (Org.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papyrus, 1998. p. 11-24.

KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel (Orgs.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papyrus, 1998.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1932.

LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. Desenho infantil: questões e práticas polêmicas. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel (Org.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papyrus, 1998. p. 133-154.

LOPES, Karina Rizek; MENDES, Roseana Pereira; FARIA, Vitória Líbia Barreto (Org.). *Livro de estudo: Módulo II*. Brasília, DF: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação à Distância, 2005.

MOREIRA, Sueli de Lima; DELOUPY, Maria de Lourdes deda. Pesquisa-Ação: um plano articulado para cultura e educação. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL, IV., 2013. Rio de Janeiro. *Políticas Culturais...* Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2013.

NERI, Marcelo Cortês. *O tempo de permanência na escola e as motivações do sem-escola*. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2009. Disponível em: <<http://www.cps.fgv.br/cps/tpemotivos/>>. Acesso em: 31 maio 2014.

RUBIM, Antonio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre; COSTA, Leonardo. Mapeamento da Formação e Qualificação em Organização Cultural no Brasil: Relatório Final. Disponível em: <<http://www.organizacaocultural.ufba.br/index.php?/documentos>>. Acesso em: 23 abr. 2014.

RUBIN, Linda. Produção cultural. In: RUBIN, Linda (Org.). *Organização e produção da cultura*. Salvador: EDUFBA; FACOM/CULT, 2005.

SETUBAL, Maria Alice. Cultura, Educação e Comunidade. In: BRASIL. Ministério da Cultura. *Prêmio Cultura Viva*. 2. ed. 2008. Disponível em: <<http://www.premioculturaviva.org.br/download/2edicao/catalogo2ed.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2014.

SETUBAL, Maria Alice. *Diálogos entre cultura e educação na escola*. 2009. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/?wcp=/novidades/informe,7,1181>>. Acesso em: 01 nov. 2013.

TOKARNIA, Mariana. *Programa Mais Cultura nas Escolas tem início previsto para 2014*. 2013. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-10-04/programa-mais-cultura-nas-escolas-tem-inicio-previsto-para-2014>>. Acesso em: 26 abr. 2014.

TURINO, Célio. Desescondendo o Brasil profundo. In: BRASIL. Ministério da Cultura. *Cultura Viva: Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania*. 3. ed. Brasília, DF: Ministério da Cultura, 2005. Disponível em: <http://www2.cultura.gov.br/culturaviva/wp-content/uploads/2010/11/Cat%C3%A1logo_-Cultura_-Viva-2005.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. *Produção Cultural*. Disponível em: <http://www.uff.br/procult/>. Acesso em: 01 maio 2014.

APÊNDICE - ENTREVISTA

Entrevista sobre a 5ª edição do programa Brasil de Tuhu – Educação Musical

Entrevistada: Fabiana Gomes, produtora executiva do programa em 2013.

1) Como foi o primeiro contato com as escolas?

O primeiro contato com as escolas foi via telefone, como o objetivo de fazer uma apresentação breve do projeto, verificar o interesse da escola em receber o projeto e caso positivo, agendar uma visita para uma apresentação mais detalhada. Em função da greve que estava acontecendo na rede municipal nesse momento, setembro de 2013, as escolas solicitaram um novo contato mais a frente. No geral, as escolas foram muito receptivas. Um novo contato foi feito na semana seguinte, como êxito no agendamento das visitas.

2) Como foi a aproximação e diálogo durante o processo de desenvolvimento do projeto?

O diálogo com a escola é um processo que se vai construindo ao logo do desenvolvimento do projeto. Como para o aproveitamento do projeto isso é fundamental, dei muita atenção a construção desse diálogo. A maior dificuldade é que em muitas das escolas há mudança do interlocutor entre um contato e outro. As escolas têm atividades muito intensas, mas no geral o diálogo foi efetivo e o concerto bem aproveitado.

3) Existia alguém responsável por receber o projeto? Houve mudança da pessoa responsável durante o processo?

O primeiro contato é sempre com a diretora que geralmente encaminha para coordenadora pedagógica. Houve mudança em algumas escolas sim.

4) Quais foram as dificuldades encontradas durante o processo de relacionamento com as escolas?

A principal dificuldade em 2013 foi a incerteza do calendário letivo em função da greve. A mudança da pessoa responsável também dificulta bastante todo o processo.